

Memórias e reflexões: Tapiri 4 – AGROFLORESTA

Memories and reflections: Tapiri 4 - Agroforestry

Gabriela Schenato Bica¹ e Hylío Laganá Fernandes²

¹UFPR/Litoral; ²UFSCAR

Resumo

Este relato traz um pouco da memória das vivências do Tapiri 4, intitulado “Agrofloresta”, o qual foi uma das metodologias adotadas durante o III Seminário Nacional de Educação em Agroecologia ocorrido em julho na cidade de Castanhal/PA. Foram compartilhadas sete experiências de diversos territórios brasileiros e ficou evidente, em todas as falas, a importância do diálogo e da troca de saberes. O trabalho em rede apareceu como um forte fator de inspiração e resistência, assim como a potência gerada pelos processos educacionais contextualizados. Concluímos que além de ciência, movimento e prática a Agroecologia é, também, Educação.

Palavras-chave: Educação; Diálogo; Rede; Território.

Abstract

This report brings a little of the memory of the experiences of Tapiri 4, entitled “Agroforestry”, which was one of the methodologies adopted during the III National Seminar on Education in Agroecology that took place in July in the city of Castanhal/PA. Seven experiences from different Brazilian territories were shared and the importance of dialogue and the exchange of knowledge was evident in all speeches. Networking appeared as a strong factor of inspiration and resistance, as well as the power generated by contextualized educational processes. We conclude that in addition to science, movement and practice, Agroecology is also Education.

Keywords: Education; Dialogue; Network; Territory.

Introdução

O III Seminário Nacional de Educação em Agroecologia, promovido pela Associação Brasileira de Agroecologia no mês de julho de 2023 na cidade de Castanhal/PA contou com diferentes espaços e metodologias. Uma delas foi o “Tapiri de Saberes”, espaço de apresentação coletiva das experiências enviadas. Este relato traz um pouco da memória dos acontecimentos do Tapiri 4, intitulado “Agrofloresta”.

Descrição e reflexão sobre a experiência

O Tapiri 4 contou com a apresentação de sete experiências assim denominadas: “Diversidade produtiva a partir de sistemas agroflorestais: uma experiência vivenciada a partir de uma visita de campo realizada durante o estágio supervisionado do Curso de Agroecologia, UFPA – Campus Abaetetuba”; “Caminhos para uma educação agroecológica”; “O Núcleo de

Estudos em Agroecologia – NEA Juçara e a extensão universitária da UFPR Litoral”; “Curso livre em Agroecologia na primeira horta do campus Fiocruz Manguinhos: relato de experiência”; “Comunidade Iauarete Pixuna: extensão é vivência, construção na prática”; “Criação e manejo de um espaço universitário para aprendizagem agroecológica” e “Agroecologia no ensino de Ecologia no Ensino Médio”.

1. Metodologia de apresentação das experiências

A atividade dos Tapiris foi composta por três encontros de cerca de 2h cada. Nos dois primeiros encontros foram apresentadas as experiências e no terceiro foi realizada uma sistematização. Para a apresentação das experiências, num primeiro momento adotamos como metodologia uma roda de conversa (Foto 1) em que voluntariamente as pessoas iniciavam a fala, partindo dos elementos centrais das próprias experiências.



Foto 1: Roda de conversa do Tapiri 4. III SNEA. Julho/23.

Enquanto contavam mais detalhes das experiências adornavam o centro da roda (Foto 2) com elementos representativos como cartazes, fotos, estandarte, adesivos, banner, entre outros trazidos desde suas origens. Os elementos foram dispostos heterogeneamente, formando uma centralidade bastante mesclada e representativa das diferentes, porém coerentes, atividades compartilhadas.



Foto 2: Centro da roda composto pelos elementos trazidos por representantes das experiências. Tapiri 4. III SNEA. Julho/23.

2. Apresentação dos sujeitos das experiências

Todos participantes se apresentaram, contando um pouco de si e da própria trajetória, e entre as e os sujeitos das experiências identificamos agricultoras e agricultores, estudantes, professoras e professores de diferentes níveis educacionais (Ensino Básico, Ensino Médio, Ensino Superior e Pós-Graduação), comunidades indígenas e de povos tradicionais, trabalhadores ligados ao SUS e pessoas que atuam com agroecologia de forma territorializada nas diferentes regiões de ocorrência das experiências.

3. Apresentação das instituições envolvidas

Entre as instituições envolvidas, às quais as pessoas ali presentes estavam vinculadas, podemos citar: Universidades e outras Instituições de Ensino como UFPA, UFPR, UFSCAR, IFAM CMZL, Fiocruz Manguinhos e escolas municipais; Núcleos de Estudos em Agroecologia como NEA Juçara e Apete Caapuã; Rede Carioca de Agricultura Urbana; Comunidade Iauarete Pixuna; Coletivos e movimentos sociais organizados como Assentamento José Lutzemberger (Antonina/PR) e MST; Cooperativa dos Fruticultores de Abaetetuba e Sindicato dos Trabalhadores.

4. Apresentação dos territórios do bem viver

As experiências apresentadas aportaram histórias e pessoas de diferentes lugares do Brasil como Paraná (municípios do Litoral), Amazonas (Manaus Zona Leste), Rio de Janeiro

(Manguinhos), São Paulo (Sorocaba) e Pará (Abaetetuba), a partir do que se pode notar uma abrangência em termos de regiões do território nacional.

Na relação com os territórios do bem viver foram elencadas potencialidades para o fortalecimento das relações entre as experiências, sujeitos e instituições com os territórios: conhecer e reconhecer o território, atuar de forma contextualizada e dialógica, fomentar relações, contribuir com o fortalecimento de redes de informações, multiplicar saberes, re-florestar, indianizar as cidades, conectar com lugar de origem e linguagens, fortalecer laços comunitários, vivências sistêmicas inter-relacionais, harmonia em tempos e ritmos, promover territórios saudáveis com foco na agroecologia.

5. Principais aprendizados

Ficou bastante evidente em todas as apresentações a importância do diálogo, da troca de saberes entre os diversos atores que participaram das atividades, assim como (e associado ao) trabalho coletivo, que transcende os diálogos para além das trocas verbais, trazendo à luz também os saberes materializados em práticas; foi enriquecedor, ainda, a riqueza da diversidade de pessoas e experiências, as múltiplas narrativas de vivências e aprendizagens com a terra (mãe), que reforçaram, no contexto do Tapiri, as trocas, o trabalho em rede que aparece como um forte fator de inspiração e resistência, a potência gerada pelos processos educacionais contextualizados, experiências compartilhadas de educação ambiental crítica e transformadora, a sistematização e socialização de tecnologias sociais, enfim, todo um conjunto sinérgico de experiências exitosas em Agroecologia.

No último dos três encontros do Tapiri 4 propusemos uma dinâmica de sistematização das apresentações em tarjetas coloridas (Foto 3). Foi um momento também de reflexão sobre os encontros anteriores e de diálogo sobre questões abordadas nas vivências.



Foto 3: Centro da roda com elementos e tarjetas de sistematização. Tapiri 4. III SNEA. Julho/23.

Diálogo com os princípios e diretrizes da Educação em Agroecologia

Com base nos princípios da vida, da diversidade, da complexidade e da transformação e com toda a riqueza das apresentações das experiências, o coletivo do Tapiri 4 identificou algumas palavras-chave, utilizando de tarjetas coloridas, como resultado dos 3 dias de encontro: diálogo de saberes, diversidade, relações entre pessoas e ambientes, união, redes e coletivos. Ficou evidente a importância de nos atentarmos às intersubjetividades no diálogo de saberes e que fundamentalmente precisamos “agroecologizar” a educação, incorporando à praxis educativa, e tendo como estruturante em qualquer dinâmica, esse diálogo com os princípios da vida, diversidade, complexidade e transformação, pois além de ciência, movimento e prática a Agroecologia é, também, Educação.

Agradecimentos

Agradecemos à equipe organizadora do evento e à todas as pessoas que participaram e compartilharam suas experiências com a gente.